

TRADUZIR E SER TRADUZIDO

TO TRANSLATE AND BE TRANSLATED

Murakami Haruki¹

Tradução: Donatella Natili²

RESUMO

No presente texto, traduzido por Donatella Natili, Haruki Murakami aborda questões referentes à tradução e à leitura de sua própria escritura em outra língua estrangeira. “A princípio, eu folheio sempre a tradução inglesa dos meus romances, e se começo a lê-los, acho-os tão interessantes (porque em geral não lembro a trama) que me entusiasmo e me divirto. Então, acabo lendo de uma vez até o final”. Dessa forma, Haruki Murakami reforça o trabalho criativo do tradutor na nova obra: a tradução.

Palavras-chave: Traduzir; Haruki Murakami; Traduzido.

ABSTRACT

In the present text, translated by Donatella Natili, Haruki Murakami deals with questions related to the translation and reading of his own writing in another foreign language. “At first, I always leaf through the English translation of my novels, and if I start reading them, I find them so interesting (because I do not usually remember the plot) that I get excited and amuse myself. So I end up reading it all the way through”. In this way, Haruki Murakami reinforces the creative work of the translator in the new work: the translation.

Keywords: *Be Translate; Haruki Murakami; Be Translated.*

¹ O seguinte texto foi escrito para o número 73 da revista *Relações Internacionais*, publicada pela Fundação Japão. Enquanto eu mesmo sou um tradutor, me esforço de ser gentil com os meus tradutores. Traduzir, como se sabe, é um trabalho árduo e cansativo. Portanto, como escritor, quando posso me tornar útil, gosto sempre de ajudar com prazer.

² Professora da Universidade de Brasília (UnB) e Doutora em Literatura Japonesa Moderna e Contemporânea no Departamento de Teoria Literária da UnB. Realizou pós-doutorado na Universidade Waseda, Japão (2014).

Se não for necessário, não costumo reler minhas obras que escrevi no passado. “Não olhe para trás” é realmente uma bela expressão. De fato, ter nas mãos um romance de minha autoria me deixa envergonhado, e não gosto nem mesmo de reler o que escrevo. Ao contrário, prefiro olhar sempre para a frente e pensar no que vou fazer de agora em diante. Portanto, muitas vezes me acontece que acabo esquecendo completamente de que tipo de livros e em qual estilo escrevi antes; e da mesma forma, quando os leitores me perguntam coisas do tipo “que significa tal trecho de tal livro?”, fico na dúvida e me pergunto se foi eu quem escrevi tal coisa.

Eventualmente me acontece também de me deparar com um texto bem escrito em algum livro ou revista, para depois descobrir que, na verdade, foi uma citação de um velho trabalho meu. Isso pode parecer um tanto presunçoso...

Ao contrário, ao ser citado em um trecho mal escrito, ou que eu não goste, reconheço que foi eu que escrevi. Não sei por que, mas acontece sempre assim: esqueço as coisas boas e me lembro só do que me deixou insatisfeito. É algo estranho.

De qualquer forma, quando a tradução em língua estrangeira de uma obra minha é publicada, muitas vezes não consigo lembrar bem o que escrevi. Obviamente, não esqueço toda a trama. Todavia, a maior parte dos detalhes desaparece completamente da minha memória, como a garoa que em pleno verão se levanta silenciosamente de uma estrada asfaltada.

A princípio, eu folheio sempre a tradução inglesa dos meus romances, e se começo a lê-los, acho-os tão interessantes (porque em geral não lembro a trama) que me entusiasmo e me divirto. Então, acabo lendo de uma vez até o final.

Por isso, quando os tradutores me perguntam o que achei do trabalho, não posso fazer nada a não ser responder que a leitura flui bem e que está bem feito. Além disso, não consigo fazer mais do que algumas observações técnicas aqui e ali. Também quando me perguntam o que penso quando um romance meu é traduzido, sinceramente falando, eu não sinto nada de especial.

Todavia, na posição de escritor, fundamentalmente acho que se a leitura flui bem e é prazerosa, a tradução, por si só, atingiu seu objetivo. De fato, eu, como autor, construí e idealizei o romance com essa finalidade. Sobre aquilo que o romance transmite para além disso, depende da capacidade do tradutor de entender o significado da história e reconstruir o texto de modo a preservar o enredo original.

Para mim, umas das alegrias de ter as próprias obras “transformadas” em uma outra língua, é que assim elas podem ser abordadas de forma diferente.

Quando uma obra que escrevi com a finalidade de ser lida apenas em japonês é recriada em uma outra língua por um tradutor, eu posso relê-la e apreciá-la com um certo distan-

ciamento. Isso também me permite reavaliar-me a partir de outra perspectiva. Sem dúvida, fico muito contente que meus livros sejam lidos por um público estrangeiro. Contudo, poder reler meus livros em outra língua (e infelizmente isso no momento se limita ao inglês) me faz ainda mais contente.

Em outras palavras, graças ao fato de o mundo textual que criei ser transformado em um outro sistema linguístico, tenho a impressão de que se formou entre mim e o texto como uma almofada que me faz sentir bastante confortável. Sendo assim, talvez fosse melhor que eu conseguisse escrever diretamente em uma língua estrangeira, mas isso não é fácil assim, pois existem problemas técnicos e de competência. Portanto, dentro da minha cabeça, eu tenho recriado a minha língua materna em uma pseudo-língua estrangeira, ou seja, criei textos evitando a repetição natural de uma língua que já é de meu conhecimento. Provavelmente foi com esse mesmo método que me dediquei à redação de romances. Pensando bem, tenho a impressão que desde o início faço isso naturalmente.

Desse ponto de vista, o meu trabalho de criação e de tradução estão intimamente ligados, ou melhor, provavelmente há aspectos que podem ser considerados os dois lados da mesma moeda. Eu mesmo trabalhei com tradução (do inglês para o japonês) o tempo suficiente para saber o quanto esse trabalho pode ser difícil e ao mesmo tempo divertido. E, ainda, sei quanto a apreciação de um texto pode variar dependendo do tradutor.

Para mim, uma boa tradução requer primeiramente um bom domínio linguístico. Mas, não menos importante, sobretudo no caso da ficção, penso que seja o amor a si próprio.

Dizendo de forma um pouco exagerada, acho que tendo isso o resto se torna supérfluo.

Então, se me perguntarem o que eu procuro nas traduções das minhas obras responderia sobretudo isso. Pois, o amor por si mesmo é o que eu cultivo mais nesse mundo de incerteza.

Referência bibliográfica

MURAKAMI, Haruki. Honyaku suru koto, honyaku sareru koto. In: HAGA, Toru (Ed.) **HONYAKU TO NIHON BUNKA**. Tokyo: Yamakawa Shuppansha, 2000, pp. 111-114.